

Dionne Brand\*

## Excerto de *Inventory* / Inventário

### INVENTORY

We believed in nothing

the black and white american movies  
buried themselves in our chests,  
glacial, liquid, acidic as love

the way to Wyoming, the sunset in Cheyenne,  
the surreptitious cook fires, the uneasy  
sleep of cowboys, the cactus, the tumble weed,  
the blankets,  
the homicides of Indians,  
lit, dimmed, lit, dimmed

lit in the drawing rooms,  
the suicides inside us

and the light turnings to stone,  
inside and out,  
we arrived spectacular, tendering  
our own bodies into dreamery,  
as meat, as mask, as burden

like chaos,

all the fake feelings we had, oh love,  
the acts of ventriloquism, the wooded arteries,  
the arms clattering to the floor,  
the big raw cities flailing us

we returned home dead on our feet  
and melancholy

the earth was never the earth,  
we were never anyone,  
everything we were preceded us,  
foolish in the heady days  
when we thought we might, somehow  
within a few seasons,  
after their laughter and raucid whistles

but this was their manifesto,  
and we took it like fun  
the burnt kernels, the chemical sugars

their love stories never contained us,  
their war epics left us bloody

we poor, we weak, we dying

we cheered them,  
encouraged them, helped them with the cooking,  
the tracking to our throat lines,  
gave them the books of signs,  
the last magical bird feather  
the traces of our fires

the screens lacerate our intimacies  
gathered at the windows

on the corners, thinking one day  
we'll make it, delicately,  
without a war, without the tragedy  
of it all  
and maybe with our bodies,  
though now

it's too late for that

We waited, we waited stick-like and nervous,  
did what we could when allowed

made up all the dances, fine,  
burned our lungs on music,  
so many dead musicians,  
the extraterrestrial neurons, the brittle veins it took  
to leave so much music, so much music,  
so much dried muscles at olympian lines,  
the heels eviscerated with speed

and all the folded linen all  
the broken fingers, pricked and bruised,  
misformed ribs and the famished babies  
for the worlds most famous photos

the steel we poured, the rivets we fastened  
to our bare ribs like cars  
we stripped, so fastidious,  
the seams of dirt excised from apples and gold

all the railways

everywhere, and the forests we destroyed,  
as far as  
the Amazonas' forehead, the Congo's gut  
the trees we peeled of rough butter,  
full knowing, there's something wrong  
with this

then the prison couture of orange clad criminals  
we became,  
the kinkiness of blindfolds we admitted

we did all this and more

there were roads of viscera and supine alphabets,  
and well, fields of prostration  
buildings mechanized with flesh and acreages  
of tender automobiles

heavy with our tiredness, solid with our devotion

after work we succumbed  
headlong in effusive rooms

to the science fiction tales of democracy  
and to their songs,  
*come gather round people for the times  
say it loud and when you talk about destruction  
count me out deep in my heart I do believe  
oh lord won't you buy me make me wanna holler*

that's fine, got drunk, got high,  
said we were already living in another time

they waited, watched,  
evacuated all our good lyrics  
of the goodness, of the science, the delicious  
being of more than, well more,  
so hard now to separate what was them

from what we were

how imprisoned we are in their ghosts

how in their beginnings and endings  
no wonder, no wonder,  
every evening falls on axioms  
the violins of edible fears

someone enters in black, oh darling, oh love,  
the eclipses of windowpanes,  
the secret life of the sun's corona going by

the woman is lying in the alleyway

treacherous and naked once more,

half the mind is atrophied in this,  
just as inanimate doorways and pick-up trucks,  
the unremitting malls of all desires

small years, small for the distancing planet,  
how would we know, so suspended, defenseless  
with our hungers,  
nibbling our own hearts to the red pits

how would it truly be to have danced  
with Celia Cruz, unsmiling

to have studied instead  
the street names of Montevideo or Havana,  
Kingston and Caracas as if planning to live there  
in the elegant future, as if no other life would do,  
or if the vows of transformation  
were only made in Parral or Basse-Pointe

to have loved instead  
*te recuerdo Amanda, la calle mojada,*  
*corriendo a la fabrica la lluvia en el pelo,*  
*to sing this to potential lovers*



then to have seen Che  
Guevara as an old man on television,

Angela's unbreakable voice has made jails extinct,  
to die in this compassion,  
to have never heard *Redemption Song*, so hoarse, at all

not willing another empire but history's pulse  
measured with another hand,  
as continents roll over in their sleep

a whimsical contraption moved with sometimish winds

of inconvenient magnets to allow  
unpredictable openings of incurable light

now we must wait on their exhaustion, now  
we have to pray for their demise with spiked hands,  
with all the brilliant silences,  
to understand the whole language,  
the whole immaculate language of the ravaged world

## INVENTÁRIO

Não acreditávamos em nada

os filmes americanos a preto e branco  
enterravam-se em nós,  
glaciares, líquidos, ácidos como o amor

o caminho para Wyoming, o pôr-do-sol em Cheyenne,  
os churrascos clandestinos, o sono  
inquieta dos cowboys, os cactos, a salsola seca,  
os cobertores,  
os homicídios dos índios,  
luz, escuro, luz, escuro

as salas iluminadas,  
os suicidas dentro de nós,

e as luzes transformando-se em pedra,  
por dentro e por fora,  
chegávamos vencedores, alimentando os  
nossos corpos de sonhos e fantasias,  
como carne, como máscara, como fardo

ou como caos

todos os sentimentos falsos que tínhamos, amor,  
os actos de ventriloquismo, as artérias enrijecidas,  
os braços arrastando-se pelo chão,  
a agressão das cidades largas e nuas

regressávamos a casa os pés exaustos  
exaustos de melancolia

a terra não foi nunca a terra  
não fomos nunca ninguém,  
tudo o que fomos nos precedeu,  
loucos que éramos nos dias inebriantes,  
quando achávamos poder, de alguma maneira,  
e passadas algumas estações,  
depois das gargalhadas e roucos assobios

mas este era o seu manifesto,  
e nós não lhe prestámos atenção,  
os núcleos queimados, os açúcares químicos

as histórias de amor deles nunca nos incluíram,  
as suas guerras épicas deixaram-nos cobertos de sangue,

e nós, pobres, fracos, moribundos

nós aclamámo-los,  
encorajámo-los, ajudámo-los na cozinha,  
e a encontrar os trilhos para as nossas gargantas,  
demos-lhes os livros dos signos,  
a última pena de pássaro mágica,  
o local das nossas fogueiras

os ecrãs ferem-nos as intimidades  
colhidas às janelas

pelos cantos, pensando que há-de chegar o dia  
em que o havemos de fazer, delicadamente,  
sem guerra, sem tragédia  
nenhuma,  
talvez até com os nossos corpos  
embora agora

seja já demasiado tarde

E esperámos, esperámos hirtos e nervosos,  
fizemos o que podíamos quando nos deixavam

inventámos todas as danças, isso, muito bem,  
queimámos os pulmões ao som das músicas,  
tantos músicos mortos,  
à custa de neurónios extraterrestres, de frágeis veias,  
o que custou deixar tanta música, tanta música,  
tantos músculos endurecidos nas pistas olímpicas,  
os calcanhares destroçados pela velocidade

e toda a roupa dobrada, todos  
os dedos partidos, picados, doridos,  
as costelas deformadas e os bebés esfomeados  
para as fotografias mais famosas do mundo

o aço que vertemos, os rebites que apertámos  
nos nossos ossos nus como nos carros,  
desfizemos, minuciosamente,  
as costuras de poeira arrancadas às maçãs e ao ouro

em todas as linhas de comboio

em todo o lado, e as florestas que destruímos,  
até lá longe,  
à frente da Amazónia, às entranhas do Congo,  
as árvores tropicais a que tirámos a pele áspera,  
sabendo perfeitamente, alguma coisa está  
mal

depois a prisão de alta-costura em tons laranja  
dos criminosos em que nos transformámos  
a perversão dos olhos vendados que aceitámos

fizemos tudo isto e muito mais

estradas de vísceras e arrogantes alfabetos,  
e, bom, campos de prostração,  
edifícios mecanizados com carne e largas áreas  
de frouxos automóveis

carregados com o nosso cansaço, seguros com a nossa devoção

terminado o trabalho, sucumbimos  
lançámo-nos directos em quartos calorosos

em direcção às histórias de ficção científica da democracia  
e às suas canções,

*come gather 'round people for the times  
say it loud and when you talk about destruction  
count me out deep in my heart I do believe  
oh lord won't you buy me make me wanna holler*

tudo bem, o álcool, as drogas,  
dissemos que vivíamos já num outro tempo

e eles esperaram, vigiaram-nos,  
extirparam todas as letras boas das canções  
do seu lado bom, da ciência, e o delicioso  
passou a ser mais do que, bom, mais,  
que difícil agora separar o que foi

do que fomos!

como somos prisioneiros dos fantasmas deles!

como, nos seus princípios e nos seus fins,  
e não espanta, não espanta,  
cada tardinha se ponha em axiomas,  
os violinos dos medos comestíveis

chega alguém de negro, oh amor, meu amor,  
os eclipses nos vidros das janelas,  
a vida secreta da coroa do sol a passar

a mulher jaz na viela

traíçoeira e nua uma vez mais,

metade da mente assim se atrofia,  
como portas inertes e camiões do lixo,  
os sempre vivos centros comerciais de todos os desejos



poucos anos, poucos para o planeta distante,  
como havíamos nós de saber, tão sustidos, indefesos  
nas nossas fomes,  
mordendo o coração até ao centro de mais sangue

como teria sido poder ter dançado  
com Celia Cruz, sério semblante,

ter estudado antes  
os nomes das ruas de Montevideo ou Havana,  
de Kingston ou de Caracas, como se fosse para lá morar,  
no futuro elegante, como se nenhuma outra vida servisse,  
ou como se os votos de transformação  
fossem somente feitos em Parral ou Basse-Pointe

ter amado antes  
*Te recuerdo Amanda, la calle mojada*  
*corriendo a la fábrica      la lluvia en el pelo,*  
cantar esta canção a possíveis amantes

depois ver Che  
Guevara homem já velho na televisão  
a voz inquebrável de Angela dissolveu as prisões,  
morrer assim, nesta compaixão,  
nunca ter escutado “Redemption Song” tão rouca, nunca

não desejar nenhum outro império a não ser o pulso da história  
medido por outra mão,  
tal como os continentes se voltam no seu sono

mecanismo engenhoso movido a ventos que de quando em vez

de imanes indiscretos que permitem  
fendas imprevisíveis de uma incurável luz

agora, temos de esperar que eles fiquem exaustos, agora  
é preciso rezar pelo seu declínio com mãos pontiagudas como facas,  
com todos os brilhantes silêncios,  
de forma a entender a linguagem toda,  
toda a imaculada linguagem do mundo saqueado

Trad. Ana Luísa Amaral

## NOTA

\* Dionne Brand é uma reputada poeta, romancista e ensaísta, conhecida pela experimentação formal e pela beleza e premência da sua obra. Poeta socialmente comprometida, Brand é autora de uma obra premiada que inclui livros como *Land to Light On* (1997), *thirsty* (2002), *Inventory* (2006) e *Ossuaries* (2010). O seu livro mais recente, *The Blue Clerk*, um poema ensaio, foi distinguido com o *Trillium Book Award*. *Theory* (2018), o mais recente dos seus cinco romances, ganhou o *Toronto Book Award*. É autora da conhecida obra de não-ficção *A Map to the Door of No Return* (2001) e o seu mais recente livro nesta área é *An Autobiography of the Autobiography of Reading* (2020). Dionne Brand é Professora na Universidade de Guelph, Ontário.